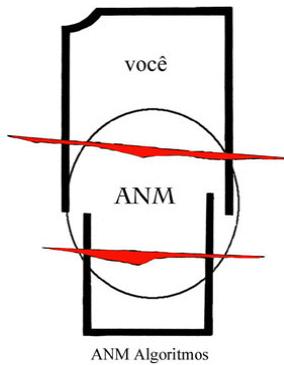


# \*Jogos de lobos

(suíte)



\* Jogos de lobos (suíte) é parte integrante do *game* Jogos de lobos.

Bem-vindos ao século XXI.

É o que reitera a todos a ANM Algoritmos.

A palavra não vale a imagem. A imagem não valida a palavra.  
Buscam-se, paralelamente.

E qual encontro se dá apenas no âmbito romântico.

E segue...

Chaves de interpretação:

1- ?

2- ?

3- ?

4- ?

5- ?

6- ?

7 - Remoto

Núcleo Nêmesis: Você ;singularidade/contrariedade.

A gramática como uma ciência: Do olho do furacão ao buraco no ralo.

As grandes descobertas se deram através de muito acaso e de meras coincidências e as grandes coberturas se deram através de pouco acaso e de poucas coincidências. Foram-se. Redundaram: Descobertas, um quase nada de muito. Coberturas, uma coisa nenhuma de muito pouco. O que não se pode dizer da escolha. (*O problema é educacional.*) O que é escolher? Num rompante constituinte, dentro da linguagem congressista coloquial, (ato ou efeito subordinados) *entre tudo aquilo que melhor representa um indivíduo excluído celebrado no gozo democrático que se asila dentro de uma pan-corporatividade que aninha uma comunidade firmada no “não faça ao próximo o que espera que não seja feito contra si mesmo”*. O qual se atrela as regras do Estado satélite e não fazendo jus a prendada constituição (direitos e deveres coordenados). E como resultado soma-se ainda o “*e mesmo assim eu não tenho como agir dessa forma quando...*” Tal comunidade é firmada pelos estatutos do Estado, e representa a coletividade e não o indivíduo. A justiça, sob a tutela de tal “comunidade”, é o massacre. Ora convém deliberar, Cristo te crucificado massacrado o mal ao pé da cruz quando esse mesmo mal, meio às trevas, esclarecido, indagou-se em tom de elogio: Como fazer para destruir e mesmo ir contra? E a resposta se deu ali mesmo ao pé da cruz e foi “render-se de todo”. E fez-se A Cruz. E o Bem sem o quê de todos te bem-aventurados (bifurcação: Verdade: afirmação, negação) se viu declinar para o uno e articular-se para o: Bem! Qual nenhum. (E fez-se a encruzilhada).

### Encruzilhada

verdadeiro  $\leftarrow \searrow \swarrow$ , falso  $\rightleftarrows \swarrow$ , correto  $\rightleftarrows$ , incorreto  $\rightleftarrows$ , real  $\nearrow \searrow$ , irreal  $\nearrow \searrow$ .

Em função da continuidade de um todo e em razão de tudo aquilo que agrega, o indivíduo se torna uma escolha em vão? Não. O indivíduo é a escolha da responsabilidade. O Estado futuro (adjetivado) vê apenas a comunidade e cobra somente do indivíduo. Tal cobrança fundamenta a coletividade e legitima o que seja sociedade. O Estado presente (substantivado) exerce função apenas sobre a parte tangente da sociedade (burocrática). No seu todo a sociedade responde (2ª pessoa) ao que o Estado sujeito veicula (predicados públicos) em toda majoritária mídia (voz recorrente) e reflete o

que a cobrança da minoritária mídia (voz invocada); cobrança esta extraordinária junto ao Estado passado (transitivado); julga resgatar a sensibilidade do homem comum, o que não se dá. Trata-se de negócios a parte entre as partes a favor (3ª pessoa) dos seus respectivos públicos-alvos (funcional). A grande maioria da mídia (majoritária + minoritária) apresenta apenas o que seja funcional, monitorando extras da cobrança extraordinária (gêneros públicos) para a coletividade. Eis a sistematização! Não se permitem deixar de olhar para o próprio umbigo. E tantos outros umbigos expostos nesse ritual narcisista de Representatividade! Qual nada. Eis o imbróglio do “Estado, que Estado!”. Eis o descaso da sociedade como um todo. Eis a indiferença do coletivo. Eis o apelo que *fica sempre sem resposta*. Eis a percepção e a sensação de abandono (1ª pessoa).

Na ausência de uma representatividade delineada, então, recorre-se às mãos de Deus. Deus ainda é algo em descobrimento, valida-se através do diálogo, ainda não se dá o diálogo; e sim, vigora a discussão no âmbito familiar ou nos bate-bocas de cunho exogâmico. A sociedade carece de uma descoberta, e consome-se em desculpas que vão de encontro aos princípios da democracia, ora estes e tais muletas. A sociedade é para o indivíduo o que a Palavra de Deus é para a comunidade, ou seja, transformadores de sonhos e graças em realidades. E também, ladeado abaixo, fomentadores de ardis do oportunismo. A sociedade dá-se as mãos, entoa hinos e palavras de ordem, abraça, beija, dá tapinhas nas costas, mas não se esclarece diante do indivíduo. A sociedade anula a escolha da responsabilidade. Eis a sua descoberta! Rir à custa de acasos ordinários. Ora Deus fez a sua escolha, e sua escolha caiu sobre o indivíduo na sua maioridade, maioridade esta o seu filho que veio ao mundo para bendizer os homens. E se não obteve o êxito desejado, agraciado foi o êxito obtido. Todos, atendo-se a grande maioria, queriam a sua onipresença, imputavam-lhe a onisciência, e endeusavam-lhe a imagem excêntrica — traçar o certo por linhas tortas. E o indivíduo na sua maioridade fez a sua escolha, e sua escolha foi consolidar-se à margem do indivíduo — as boas ações e os pecados praticados. E pela qual se deixou morrer, bendizendo matar a escolha da morte sua: o exercício da maioridade. A apelação de sua liberdade foi negada pela grande maioria. E a escolha da coletividade vitimou a apelação social e inviabilizou a contemplação do filho de Deus à morte Via Crucis e crucificação. A escolha da coletividade é o arranjo e cujo objeto é pregar aquilo que os olhos não vêem, no caso, a danada da via expressa do “Vosso reino”. Premoção em coro. Restando a imagem excêntrica a ser descoberta: O filho de Deus crucificado. Ou seria

resgatada? E a escolha dessa imagem excêntrica é óbvia, trata-se do exercício da maioria. E em officio, o exercício da maioria visto morto à imagem sua obra-se quando o filho de Deus deixou-se matar pelo o que acontece à margem do indivíduo. Já que morto à morte sua, o exercício da maioria somente retorna ressuscitado. Quem estava presente no pedido de condenação do filho de Deus? Ninguém. Segundo fontes, quem estava sendo julgado era aquele que se dizia ser Rei. O Rei estava lá, mas não desse mundo, aqui reino tem umbigo. Condenado foi o indivíduo no exercício da sua maioria e presentes estavam os pecados praticados nesse mundo, mas com todas suas ações praticadas em função do Reino de Deus. Generalizando, aquele mundo excepcional, do outro lado, onde todos os fiéis, devotos, membros, associados, são felizes na sua procura de bem-fazer e de bem-estar. A grande maioria no Inferno se declara como sendo ninguém. A grande maioria no Inferno se dedica a barganha. Quem melhor se sai na barganha favorecendo a outrem é caracterizado demônio. O fruto da barganha são lágrimas. Aqueles que barganham lágrimas por lágrimas têm nome próprio, foram dirigidos ao Inferno e são denominados caídos ou quedantes. E tal quedante barganha se dá sob a chuva, ao meio-fio, à luz do mundo, à morte sua. Nada mais apropriado, o demônio-espião e o demônio duplo. O Inferno tem os seus de direito graças a uma ação de perdas e danos movida a favor de Deus te perdoado. Eis a legitimidade da imagem excêntrica, diante do filho de Deus crucificado pressente-se o Inferno às costas e acaba por vê-lo. Por outra linha, diante do filho de Deus crucificado pressente-se o Inferno às costas e acaba por vê-lo aos seus pés. Ora traça-se paralelos. Sociedade é escolha do exercício da maioria. A sociedade maquila sinais da coletividade, calca-os, sustenta-os, transformando-os em figuras, ilustrações sociais, contudo o tratamento é de imagem. Figuras e ilustrações sociais só ostentam, em nada ocupam, estão muito muito aquém das linhas tortas.

<Imagem fonte: o que quer que seja delineado para ser visto afirmativamente, ocupando reflexos do que é correto e sentidos do que seja certo, e quando ostenta, ostenta a mea-culpa da realidade: traçar o acertado ordinariamente.>

Eis a origem do tratamento de imagem concedido as figuras e ilustrações sociais, tal origem advém do Estado idealizado ver apenas a comunidade e exercer função sobre a sociedade: a imagem pública. A escolha da imagem pública é a grandeza e o objeto: as grandes obras. Ora deliberando, a grandeza não tem cabimento no Céu. E no Inferno, nunca teve

utilidade. A grandeza tem como fim: nunca ser vista e como meio: o esquecimento. No Céu, a escolha da grandeza é o Altíssimo e o objeto é um endereço do Paraíso na Terra. No Inferno a grandeza se basta e é vista *feito a imagem e semelhança de Deus*. O Inferno visa o angelical, sempre. Entre os homens, a escolha é o que não tem cabimento no Céu (a demasiada exposição) e o objeto é o que não tem utilidade no Inferno ( a obra feita para louvar o nome do seu dono). Entre o céu e a terra, o Céu agirá contrário a escolha e o Inferno agirá contrário o objeto. Para ambos a ação é uma só: destruição. Vale vislumbrar a Torre de Babel. E tal grandeza se aplica apenas em imagens públicas negativas, e convém admitir que todas as imagens públicas são negativas. A grandeza de ser aplica-se a imagem pública em cena: o espetáculo; quebra a rotina causando distúrbios. A grandeza de estar aplica-se a imagem pública assistida: os bastidores; atrapalha o cotidiano provocando desgastes. Quem gosta de estar associado a imagens negativas? Daí o uso de um subterfúgio tacanho pela imagem pública: o Estado, mesmo regime ou doutrina ora contabilizado ver a comunidade apenas como indivíduo e exercer pressão numa sociedade paralela: o símbolo público. A escolha do símbolo público é a força (Eros e Tanatos). O uso da força leva o símbolo público à destruição por essa mesma força, vide a 3ª Lei de Newton que assimila que toda ação resulta numa reação de igual força e contrária. Laborada a lei da Física, na falta de equilíbrio o símbolo público migra, politicamente correto, para o símbolo social. A escolha do símbolo social é a expectativa de ameaça, níveis de forças em suspensão. Ameaçar é furtar a própria presença, é agir ocultamente, é colocar em perigo iminente aquilo que, a curto prazo, não se tem e que julga não poder ser partilhado (nível Eros). Ou mesmo, ameaçar é estar fora dos padrões, é não ser convencional, é se encontrar em condições sustentáveis, é se encontrar em condições desfavoráveis ou mesmo sem a mínima condição (nível Tanatos). E é entre tantas coisas (inclusão/exclusão) angariar a ignorância eleita pela grande maioria do planeta Bricabraque. O uso da ameaça é um tiro no pé, pois provoca o símbolo público. O medo/melindre/capricho provocado é recíproco, afeta tanto quem ameaça quanto quem é ameaçado. Quando se produz a expectativa ameaçadora, nada de cenas do próximo capítulo. Quando a ameaça se hospeda num atentado/desbunde/passada de perna, favorecendo quem faz a ameaça, o resultado é indignação e repúdio demonstrado pela grande maioria. Quando a ameaça é articulada para o desenlace, favorecendo quem recebe a ameaça, a ação é movida pela mídia. O objetivo da ameaça é fazer prevalecer a atenção sobre o símbolo social. O motivo da ameaça é “contar a sua triste história”, histórias de acasos, de submissão, de dedicação, de

demanda, de serviços prestados, de sacrifícios, de abusos e maltratos, histórias de ontem, de hoje ou de amanhã. Histórias comoventes, apelativas, ideológicas, egocêntricas, banais, estúpidas, consumistas, sobrenaturais, do além, (90%) presas a uma distorção nauseante e/ou códigos malvistos. A grande maioria nem se dá conta de qualidades como bem-estar ou integridade. A escolha da vítima é a decência. O objeto da decência é o descompromisso. A ameaça disponibiliza o privilégio de “contar a sua triste história” na mídia, e a de maior alcance é a mídia apadrinhada pelo Estado contabilizado. O espetáculo proporcionado sustenta uma reação de fascínio ou de apatia evitando uma reação direta. Frente a funcionalidade, a escolha do espetáculo apadrinhado e/ou agenciado é o estrelato. E o estrelato está ao alcance de qualquer um sujeito. Ameaçada a interatividade e descartado o crível: a apresentação de argumentos, de argumentos intrínsecos e educativos, de identidade, de valores, de entendimento, de entretenimento, de amabilidade; o qual transformaria, naturalmente, a grande maioria em opinião formal: a busca pelo indivíduo. E faz-se adotar o aparato, o solilóquio impetuoso, o bate-boca entrevistado, aquilo de ficarem trocando figurinhas, presos aos arranjos biográficos, enviesados pelas conversas de orelha à distância, parafraseando a risca um *script* orgânico do tudo-divino-tudo-maravilhoso. Eis a grande maioria, sob a égide da imagem pública, sofrendo uma transformação arranjada para “o admirável público: a massa”. Tal advento é contrário à prática da opinião formal e a favor da produção de massa. Evita-se chegar com a opinião formal ao centro do olho do furacão o qual se dissipa em forma de individualidade para com a conversa fiada se jogar, com pompa e/ou ostentação, toda massa fora de uso no buraco do ralo. A massa não tem escolha, não reage, cooptar que seja, daí a suscetibilidade para o jogo de possibilidades. A regra desse jogo é manter em alta um favorável índice de possibilidade, isto é, um favorável índice de exploração/expliação. Um índice insustentável figura-se em derrota, segue-se a exclusão, ou esquecimento, ou limbo e outras possibilidades patéticas do sujeito dar a volta por cima. Um vencedor não há, existe a possibilidade de vitória de alguém ou coisa participante. Apenas a opinião formal descansa em paz, isto é, assombrando a figurante maioria silenciosa. A massa é coadjuvante. A massa surgiu da negatividade da imagem pública. O levante da massa é um jogo de todas as possibilidades. É imprescindível a massa querer, passa a vigorar o “querer é poder”? Não. O objeto do poder é o ativismo do valor — aquilo de pertence ou bem que passa ou deve passar a ser de outrem de forma inescrupulosa. O objeto da massa é o estrelato. O ponto de partida é aparecer. Ser apenas visto ou ser acompanhado mantendo-se à distância é uma manifestação positiva.

E na mídia apadrinhada/agenciada a manifestação positiva acaba se dando mal. Daí, a todo custo a massa quer p'ra lá de negativo; a massa quer audiência. A regra para manter em alta a audiência é o melhor negócio: custear a visão de você. O dinheiro, para a grande maioria, translada o mundo. A escolha do dinheiro é reinar. “Você é o quanto você vale”. “O quanto você vale?”. “Você vale o quanto você custa?”. “Você custa o quanto você tem”. A massa tem apenas o querer — um custo negativo. Daí, cabe a massa custear a massa. É abrir mão do tratamento a pão e água e passar a comer o pão que o beija-mão amassou. A falta de escolha da massa é você. Você é o rei. Um reino de você que não se dá. Tal reino se acaba nesse mundo, sem escolha. Um reino de outro mundo com um fim nesse mundo é o reino de Deus, cujo Rei é o seu filho. Quem quer ser Rei como Cristo? Quem quer cunhar o valor monetário desse reino? Ninguém. A face de tal moeda é o cálice de cada ser: a beleza exterior pontificada. E a grande maioria faz se afastar de tal cálice. E as portas do Inferno se mostram fechadas para você. Do reino de Deus se quer apenas uma parcela do louvor. E tal parcela se dá apenas em cota mínima. Receber tal cota traduz-se para a grande maioria como um milagre. Quem quer ser filho de Deus como Cristo? A escolha do reino de Deus é ninguém mais. O quanto eu represento ninguém? A massa não quer a tradução do milagre, quer a ação do milagre para você. Caracteriza-se a idolatria. O reino de você é um reino que se motiva a apenas receber. É um reino de reis mendigos. A escolha do mendigo é sempre errada. O negócio é ocultar. E o melhor negócio é ocultar sob a fraqueza dos outros, o Inferno do mundo: a humildade. Inferno? Obra-se a sondagem em véus e tendo como fim as máscaras. A escolha da máscara é o Deus dará. A massa quer o reino de Deus, não no seu todo, mas nesse mundo, então habilita-se um circuito onde a regra é chegar com projeção de milagre: você lá em cima e Deus, e a título daquilo que irá mover a massa: a venda do reino de você. O título é artístico e o circuito é tecnológico, a tal venda se propaga pelo ar e para deleite da massa, a um custo negativo. Você é uma amostragem de comunicação coletiva comunitária social valorizada pela massa: a falta de sentido. Massa pela massa. A escolha da tecnologia é a substituição do mesmo pelo mais do mesmo. O negócio é manipular. Você é o sinal de uma comunicação seletiva comunitária social aos pés de todos: o signo. A escolha do signo é se consumir. O objeto do signo é chamar a atenção. E nada mais artístico e tecnológico para chamar a atenção a fim de viabilizar o mais do mesmo do que o ídolo. A escolha do ídolo é ser enganado. Eis o exercício de mediocridade: expor com a maior cara de pau quem não é o dono do seu mundo e “com todo o perdão do mundo, pelo uso do nome de Deus em vão,

quem você não é”. Na mediocridade não se deve tocar, deixa-se de lado e é facilmente esquecida; se vai com um esboço de sorriso. No caso da mediocridade ser imposta por canais/segmentos diversos, acabará se tornando um sucesso, caindo na comunicação do povo: a boca pequena. E sem o romantismo lírico de se oferecer uma moeda a Cristo pelos seus pensamentos e com a mesma inteligência associada ao excremento para livrar-se de ser pisado. Comunicativamente, 1ª lei do atraso: O que você ambiciona ter já vale menos do que você já tem. A escolha da comunicação é a descoberta. O descoberto já não mais se comunica como antes? O objeto do descoberto a mingua se inclina para o ostracismo? Deus está por se descobrir, o Bem é uma descoberta recente. Descoberto, a escolha do Bem é a maldade. O objeto da maldade são os propósitos divinos. Deus está por se descobrir e seus propósitos se mostram já descobertos. Os divinos propósitos descobertos ocupam-se de mascarar o caminho divino a ser trilhado. E se mostra trilhado no sentido da vida. O objeto do sentido da vida é a idéia. A escolha da idéia é o ideal conjunto das naturezas: ser/estar. E na sua grande maioria todos querem viver e bem, querem estar em paz e sem êxtase, e querem ser felizes. Obra-se o espetáculo das célebres máscaras, onde tudo é acidental. E as descobertas através de acidentes se sustentam através de danos e desastres. O objeto da descoberta acidental é o bem comum (de um ou de tantos outros). A escolha da descoberta é a ciência. O objeto da ciência acidental é a acomodação convalescente — cheia de dedos. O objeto da ciência é a transformação de si em si mesmo, é ser solidariedade. A escolha da ciência são as relações conceituais. A escolha de tais relações é o racional. O objeto de tais relações, para a grande maioria, é uma relação perigosa: a tolerância. A escolha e mesmo o objeto da tolerância é a responsabilidade. Eis o retorno do exercício da maioridade! Eis a aparição da imagem excêntrica como mediadora, o fiel da balança! Um paralelo equilibrante entre as imagens excêntrica, sociais e públicas é inevitável. Ao menos, é o que parece de forma pluralista. A imagem excêntrica ocupa o exercício da maioridade, em nada ostenta, contudo exige um significado poderoso, que faça pressentir o Inferno às costas. E se tem a imagem do ser criado por Deus à sua imagem e semelhança, perturbado, meneando a cabeça a procura de um escape, contudo, com o olhar todo voltado para dentro de si mesmo, vê-se impossibilitado. E voltar-se raivosamente faz a regra. A raiva é o único sentimento adulto e peculiarmente bonito. A escolha da raiva é a revelação. O objeto da revelação é o retorno sentimental (via aniquilação, autodestruição, comiseração, letargia, êxtase e etc.). O sentimento não se dá escolhas, é Morte. O objeto do sentimento é estar solidário. A escolha da solidariedade é Justiça.

O objeto de Justiça é a própria Morte. A escolha da própria Morte é o estado bruto. A escolha do estado bruto é inocência acima da justiça seja feita. Fazendo-se justiça, ninguém é inocente, a escolha majoritária é o ódio. A escolha do ódio é o perdão. O objeto do ódio é o chorar de joelhos. A escolha do poder é o fracasso. O objeto do fracasso é os bons olhos o vejam!. Qual o significado da imagem do filho de Deus crucificado?

Escolha: o meio pelo qual se procura alcançar um objetivo.

Objeto: o fim pelo qual se determina a escolha.

De modo poderoso de todo (Nêmesis: princípio/emoção => comoção/princípios): *subtrair das mulheres a ordenação de puta e revelar aos homens o quanto de merda carregam no coração.* (Princípios) Ora a escolha do Inferno é o respeito. O objeto do respeito é a humildade. E se tem a visão do ser criado por Deus à sua imagem e semelhança, perturbado, meneando a cabeça a procura de um escape, algo como um sorriso, contudo, com o olhar todo voltado para dentro de si, vê-se impedido. Padece de uma ressuscitação. E de antemão vislumbra um *outro* e mesmo um *mesmo outro*, via encruzilhada (veladamente pertinente A Cruz e a Cristo, mas profundamente pertinente as variações espontâneas do “*o mesmo que está acima é o mesmo que está abaixo*”), a replicação: si-não si. A replicação se dá do Inferno para fora (2ª e 3ª pessoas) e de fora para dentro do Inferno (1ª pessoa), sem exceção. A ressuscitação não tem sujeito. (Emoção) E voltar-se raivosamente faz a regra. Especula-se que o Inferno não é nada (?) que se pregou, mas é o que prega a imagem excêntrica ao umbral da eternidade. Vê-se a necessidade de se contar com algo muito simples e sem apelos para se entregar de todo, entregar-se a si mesmo. Feliz é o beijo e o abraço. (Comoção)... Quem dá o pão dá o ensino. E isso dói. O objeto de Deus é o beijo. O objeto desse beijo é o amor. E abre-se um leque de escolhas interativas para se abraçar. (Princípios) Morte fez a sua escolha: Esperança. Esperança fez a sua escolha: Fé. Fé fez a sua escolha:

...mperdoáveis.

Mar, vento, Calia'ad, Justiça, Marèst, Honestidade, inocência, (...), (?).

Aqueles que movidos por um pingo de fé sequer, recebem os lábios de Deus.

(Suspensão em gramática: sentido do discurso: 1ª, 2ª, 3ª pessoas à morte sua)

E têm por objeto os possessos, (Os bons-moços).

E por escolha a beleza, {Os caras maus}.

E tudo isso para se chegar a:

Qual é a escolha (quaisquer escolhas)?

A princípio, o legado (integrador do escolhedor) está à mercê de um amontoado de escolhas erradas. Hábil em escolhas erradas é o mendigo. O eleitor é alguém que se dá a práticas de caridade. É alguém a quem se pode enganar. O legado em si não mais. O legado em si mesmo é um |multiplicador| de bases. Ora os Si- (as células).

Núcleo Nêmesis: mim quem? ;familiaridade/subsistência/intelectualidade

A gramática como determinante aglutinador.

(automação do sujeito: abstração acadêmica : ignorância de máquina) = informação.

A escolha da informação é a solidão literal. O objeto da solidão literal é o absoluto. O absoluto é sustentado apenas por máquinas: autômatos possessos.

*A mensagem é o meio.* O objeto do meio é o absurdo. A escolha da mensagem é e são sistemas condenados.

Núcleo Gênesis: Proto-satélites ;parentesco/cidadania/civilidade

Inconsciência lúdica (IcaL)  $\Rightarrow$  Inconsciente onírico (IcsO)  $\Rightarrow$  Sist. Mortos.

IcsO  $\Rightarrow$  IcaL  $\Rightarrow$  Você já era.

Sistemas Mortos  $\Rightarrow$  Sist. Mortos  $\Rightarrow$  IcsO.

Sistemas Mortos  $\Rightarrow$  IcaL  $\Rightarrow$  IcsO.

Sistemas Mortos  $\Rightarrow$  IcaL  $\Rightarrow$  lixeira.

Sistemas Mortos  $\Rightarrow$  Sist. condenados  $\Rightarrow$  Sist. Mortos.

Sistemas Mortos  $\Rightarrow$  Sist. Falidos.

Sistemas Condenados  $\Rightarrow$  Sist. Opressores  $\Rightarrow$  Sist. Mortos.

Sistemas Condenados  $\Rightarrow$  Sist. Opressores  $\Rightarrow$  Sist. Falidos.

Sistemas Condenados  $\Rightarrow$  Sist. Mortos.

Sistemas Falidos  $\Rightarrow$  lixeira.

Sistemas Opressores  $\Rightarrow$  Sist. Condenados  $\Rightarrow$  Sist. Mortos.

Sistemas Opressores  $\Rightarrow$  Sist. Condenados  $\Rightarrow$  Sist. Falidos.

Os bons-moços? Ou os caras maus? Façam sua escolha, Si-legados.  
E tenham belas plataformas de suas abordagens sistêmicas.

## Jogos de lobos.

De onde eu venho? Para aonde vou? O que eu estou fazendo aqui? Qual a razão disso tudo?  
E fazem-se conteúdos celulares de:

Ics - Inconsciente.

Ica - Inconsciência - Coma.

Ego = Ego-R + Ego-Rr.

Ego-R - Expressões preconcebidas: memórias dos sentidos e sentimentos expressados.

Ego-Rr - Expressões traduzidas: memória dos sentidos do comportamento animal  
(territorialidade, hierarquia, sobrevivência, sexualidade).

Ca-R - Consciência aberta racional - representações dos sentidos e sentimentos. (Experiência adquirida)

Ca-Rr - Consciência aberta irracional - representações do sentir e pensar. (Instinto adquirido)

EP1 - Espelho de personalidades. Síndrome: cópia, inspiração.

EP2 - Espectro de personas. Complexo: imitação, intuição.

Cf-R - Consciência fechada racional - significação da percepção | Inconsciente

Cf-Rr - Consciência fechada irracional - significação da sensação | pessoal

Pii- Psicoacústica irracional interna - Impressões do sentir e pensar | Instinto

Pie- Psicoacústica irracional externa - Impressões dos sentidos e sentimentos | inato

Sco - Sombras de criação e ofícios. Criação: juízo singular. Ofício: juízo universal.

Consciência bruta aberta racional - formação de impressões representadas. (Cba-R)

Consciência bruta aberta irracional - fragmentos de sensações percebidas. (Cba-Rr)

Consciência bruta fechada irracional - sequelas de significações distorcidas e representações deformadas. (Cbf)

Cba-R + Cbf + Pii ∴ Inconsciente onírico. (IcsO) (combinação) (cobertura)

Cba-Rr + Cbf + Pie ∴ Inconsciência lúdica (IcaL) (ação) (acaso)

Cbf + Pii + Pie + Sco ∴ Sinistro; enigma. (recombinantes)

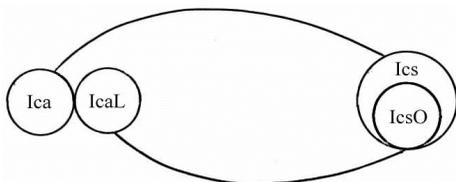
Cbf + Pie + Sco + Ca-R ∴ Animal. (reprodutores)

Cbf + Cf-R + Sco + Pie ∴ Demônio específico. [ os bons-moços ] (co-integrador)

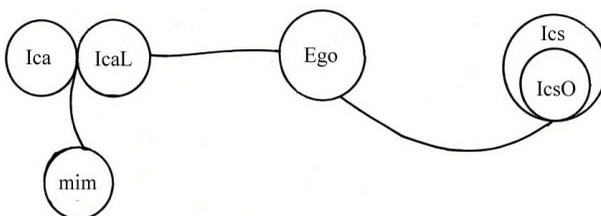
Cbf + Pii + Sco + Ca-R + Ca-Rr ∴ Demônio perfeito. [ os caras maus ] (zoo-monstro)

Das Três Leis da Robótica:

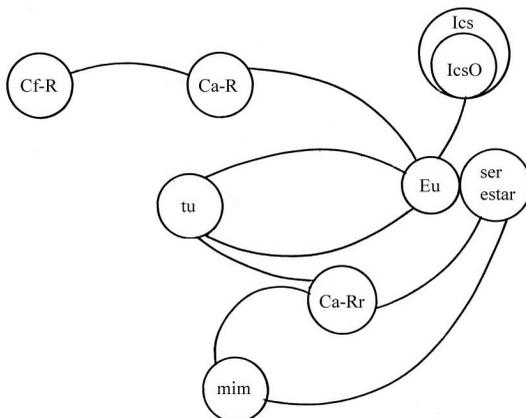
1ª Lei :: 2ª pessoa da oração, 3ª pessoa do discurso.



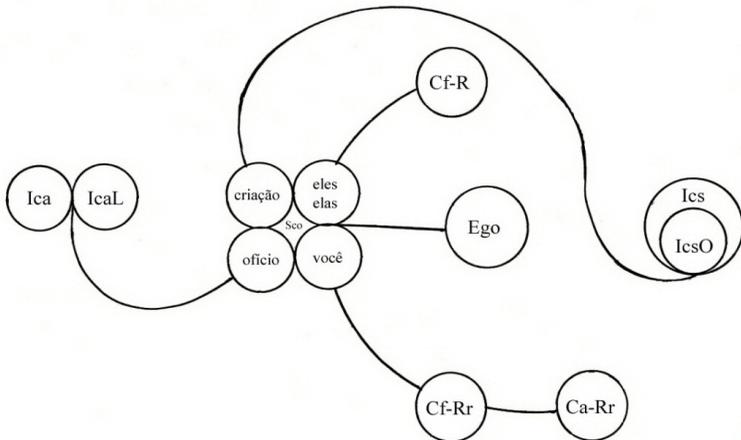
2ª Lei :: 3ª pessoa da oração, 1ª pessoa do discurso.



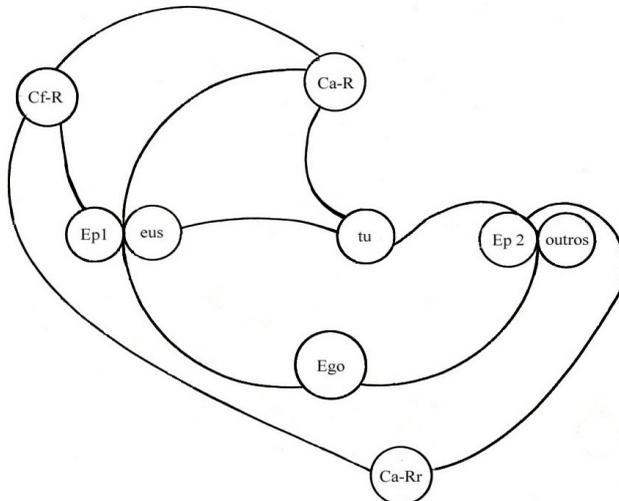
3ª Lei :: 2ª pessoa = 3ª pessoa da oração, 1ª pessoa do discurso.



3ª Lei ∴ 2ª pessoa = 3ª pessoa da oração, 2ª pessoa do discurso.



3ª Lei ∴ 2ª pessoa = 3ª pessoa da oração, 3ª pessoa do discurso.



Diagramas - Jogos de lobos (educativo)



Abordagens preliminares:

Operante:

O analfabeto é alguém com quem se aprende. O alfabetizado é alguém a quem se ensina. O analfabeto entra no mundo do alfabetizado, com receio. O alfabetizado entra no mundo do analfabeto, com garantias. O entendimento surge, o entendimento recíproco acontece quando se calam. Daí revela-se o lado mais Frágil.

### Sistemas mortos.

Eu não sou Deus. A causa... se foi... se foi... Não é mais.

Eu venho de um lugar onde Deus se ajoelha, dá as costas a sua criação e chora.

“Eu era demais para a eternidade.”

Jean Paul Sartre.

“Vejo outras pessoas ao meu lado, aparentemente iguais; pergunto-lhes se se acham mais instruídas que eu, e me respondem pela negativa; no entanto, esses miseráveis extraviados se apegam aos prazeres que encontram em torno de si. Quanto a mim, não consigo afeiçoar-me a tais objetos e, considerando que no que vejo há mais aparência do que outra coisa, procuro descobrir se Deus não deixou algum sinal próprio. O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora.”

Blaise Pascal.

O sentimento ordinário a todos os seres; vivos, mortos, ou o que seja; é o estar aqui.

Eu sempre faço amor a três quando não é com você. Quando eu faço amor com você o quanto fica muito extenso e é quando eu chamo todas as demais pelo seu nome. Elas fazem sorrir e se sensibilizar dando a entender no tocante a elas que é você. Você que chora encabulada quando se sente feliz. Você que somente chora pelo que de bonito é. A beleza tem um passado feio. Ora menos alegre o seu sorriso e mais acolhedor o seu coração. Estão todos mortos.

De assombroso a assustador nada se iguala a compreensão. A sustentação (sofrida e as vezes dolorosa) do caráter da mulher está em ceder sempre. O homem dá e tal ato é diluído pelo esquecimento. O ato da mulher ceder é algo memorável e não se pode nem minimiza-lo com o esquecimento. A mulher sempre acaba cedendo, sempre. Empina o nariz, e cede. Bate o pé, e cede. Grita, e cede. Chora, e espera ceder novamente. Até mesmo nos primórdios, visto que a mulher cedeu Deus aos homens. Sempre. Um Basta de ceder! É de uma imbecilidade tamanha. Resta a mulher ceder e ora resgatar tudo aquilo que foi cedido e acabou sendo arruinado; e sem mágoas trata-lo adequadamente e cedê-lo uma, duas, milhares de vezes a ela mesma. Sempre. É a glória.

### Sistemas falidos.

Prostrado o Bem. O mal prevalecerá. A escuridão triunfará sobre as luzes. E o mundo se renderá diante do meu poder.

É sinônimo de...

### Sistemas condenados.

O que eu mais amo? Ou o que eventualmente eu mais amaria? Eu amo muito a minha esposa. Eu amo o mar. Eu amo o mar mais que a minha esposa. Em nome de Deus, levaram minha esposa. O mar Deus não pode me tirar. Não pode, nem querendo. A minha esposa é um ser marinho.

As questões pessoais julgando, distorcendo, arruinando... O ser humano é bonito somente quando precisa de ajuda. E é quando a razão se mostra dura demais, insuportável. E o mal e a maldade que se mostra, é somente para ser destruído, aniquilado. E é. E então, o amor. O amor é um pedido de socorro contra o que foi julgado pelas questões pessoais.

“Compreendo o desejo profundamente humano de comodidade, mas não entendo por que a verdade terá de curvar-se a tal desejo.”

C. G. Jung

Tudo se esvaindo pelos meus dedos inseguros, nada nas minhas mãos cerradas. Esse abrasamento no peito é o amor que eu sinto. Necessariamente quente e infinito. Eu te amo tanto. E restando-me o único propósito d'eu fazer amor com você até não... E propriamente dito, nem precisa ser o seu corpo. Que nome se dá a isso, meu amor?

Eu estou atrasado. Infelizmente. Ora esses atrasos se acabaram. Você é a última. Não existirão outras para mim. Não neste mundo. Não nesse tempo que se perde. Não nesse tempo perdido. Eu a amo tanto. Encontre-se. Seja feliz.

De assombroso a assustador nada se iguala a compreensão. Oi, eu quero oferecer a você algo molhado, quente e doce. Tá. Você tem um cheiro gostoso de página de revistas femininas e gloss.

### Sistemas opressores.

Enquanto antônimo de...

Ora fechando o tempo. O Paraíso até pode sobreviver ao fim do mundo, mas jamais ao fim do universo. Quando todas as luzes se apagarem, quando todo o pó a massa e toda massa ao pó se converterem em nada, apenas o Inferno será capaz de se ater a eternidade. E graças ao que o Inferno tem de pior; e são lágrimas.

É hábil aceitar a prostituição como a profissão mais antiga do mundo, mas não a iniciada com a prestação de serviço de certas partes do corpo da mulher. A mulher é um ser fabuloso! Se restar apenas dois homens na Terra, a vida se engrandece, mas expira. Restando apenas duas mulheres, a vida se amplia. De duas se faz uma terceira concebida, mesmo que para isso cada mulher tenha de viver duzentos anos. É de se fazer pensar. E citando Camus: a ser minado. Ainda se atendo a Camus, o único assunto relevante para todos os filósofos seria o suicídio. E em se tratando de meios de comunicação? Seria uma conspiração? Se existe uma conspiração que compreenda todo o mundo, tal conspiração fundamenta-se em fazer as mulheres infelizes. E pelo que se tem, à exaustão, visto, ouvido e falado tal conspiração está obtendo resultados espetaculares. As mulheres não choram mais à-toa e nem mesmo sem saber por quê. Quêê o sentido do mundo?

...será por uma estranheza qualquer. Uma imbecilidade e outra. Um momento ruim e outro melhor ainda. Precos. Retaliação. A julgar pela conversa unilateral... O desentendimento. Vez ou outra o ataque. E sempre pelas costas, às cegas, frente a frente em vistas de um beijo. Um aparente linchamento... e a dor acaba encontrando o seu fim. A bala na cabeça... e a dor acaba encontrando o seu fim. Um aperto na garganta... e o medo acaba achando o seu fim. De encontro à parede, ao chão frio, de uma margem suja e invisível... e o medo acaba achando o seu fim. A carga explodida, o fardo esfacelado, as partes, os pedaços, os membros, os restos projetados, alçados, carne, sangue e ossos em queda no ar cogumelado, em débeis névoas, esfumaçado... e o medo e a dor ora espectadores dos seus encontros e achados, do seu fim. O medo e a dor não procuram se perpetuar, jamais. Deixam tal atenção para a desconfiança. O medo e a dor, ora condenados, encontram-se atrás de sofríveis sorrisos. É a graça.

O que é o voto? Um direito civil. A manifestação de uma vontade própria. Um sinal de confiança. Uma necessidade de mudança. Uma prova de fidelidade. Um ato de cumplicidade. Uma prova de acusação. É uma acusação contra si mesmo. O voto é a garantia de opressão tanto de quem o recebe quanto de quem o oferta, dá, vende, negocia diante de Deus.

Dirijo-me àqueles que, desde muito cedo, dizem me conhecerem; que dizem conhecerem os meus feitos e os meus atos. Dirijo-me àqueles que, muito cedo, se dizem senhores do saber; e que me julgaram e condenaram. Muito tempo se passou, e parece-me cedo ainda, cedo demais. Eis o momento do cair das máscaras; as minhas máscaras, as suas máscaras, as máscaras de todo ser, de todo o ser em mundo; nos revelaremos. E eu pisando sobre essas máscaras; e observando outros de pé e um sem número de outros rastejando feito vermes sobre essas máscaras em cacos, em cacos de falsidade, em cacos de hipocrisia, em cacos de ignorância; eu, ao menos terei amado a Deus, desde muito cedo. Eis a estrela da manhã. Ora de volta na participação dos mandos de Deus. E isto significa... Acabará sabendo, sentindo (?) que vocês não têm, e nunca tiveram desde sempre. Deram-me um império, um império que eu não quis, e isto foi muito tarde. E acontece de se colocar abaixo os impérios (é da própria natureza dos impérios) e abaixo os impérios serão colocados. Tal império meu não cairá com artefatos bélicos, desprezo, com nada vindo do ser humano ou da parte de Deus. As trombetas. Desde muito cedo, tal império meu ora caído com um simples (?). O angelus. Oremos.

De assombroso a assustador nada se iguala a compreensão. O Bem e o mal não são polarizadores, a polarização inexistente devido a *impossibilidade de circulação de sentido*. O Bem e o mal são sistemas operacionais ultrapassados, e somente o Bem é hábil de atualização. O horror não distingue vivos de mortos ou mesmo mortos de vivos; tecnicamente ser e estar é um mesmo, todos mortos. O Bem não se atualiza através do horror, se adequar-se junto ao horror, é o fim do próprio Bem.

Sistemas condenados  $\Rightarrow$  Sistemas mortos.

A vida sempre volta ao seu princípio e é quando (retoma pela beleza em si) a vida imita a arte. Eu estou me sentindo muito anjo para fazer amor. Onde se dá a beleza, não existe o pecado. A beleza se traduz em amores é algo que procura conquistá-lo abertamente, sem censura e sem os ardis da sedução; a insegura sensualidade que se origina é própria de quem se vê conquistado intimamente, trata-se de se entregar a. Tal conquista é seguida por uma nulidade da percepção, e de uma sensação boa e terna, capaz de se estender através de um suspiro, ou de inundar através de um sorriso. E se manter por horas e horas e horas. É a beleza em amores. Já o amor se traduz sempre em algo mais bonito, no caso, o amor se traduz em carinho. Daí descarta-se todo tipo de carícia; a carícia traz em si o desejo, e o desejo é o campo prolífero do pecado. O carinho surge de uma absurda segurança de dar as graças de tudo de bom — *tudo que é bom dura pouco, e acaba dentro da gente, ficando lá para sempre; para dar aos outros, gente que morre com a gente. Durando assim para sempre*. O carinho é um ato, ao mesmo tempo, sem palavra e sem imagem. Ir contra um sentimento extremamente bom e rir disso, é o princípio do amor em carinhos. E visto que a transcendência é um estado, uma transição a qual não se admite o desejo, os anjos fazem amor sorrindo, via beleza em amores, amor em carinhos e transcendência. Traição para os anjos é sorrir achando graça da sua própria culpa. Traição para o humano é cobrir-se de pudores. Pudores fazem os anjos se abocanharem capitalmente enquanto procuram sorrir. (?). Eu não estou me sentindo muito anjo para fazer amor.

Sistemas mortos  $\Rightarrow$  Sistemas falidos.

O pecado existe apenas dentro da religião? Não. O pecado pode ser visto, indiretamente, fora da pauta religiosa e é visto como uma ação do Mal.

Servindo também como referência para outras áreas inclusive o lazer. Independente de qualquer religião sabe-se o que é o bem e o mal, sabe-se agir de forma a ser bom ou mau, sabe-se estar dentro dos limites da moral e dos bons costumes.

O Bem  $\cong$  bem  $\cong$  bom

Mal = mal = mau

Por que o Mal se mostra mais atraente (cativante) para o ser/estar (presença/ausência)? O Mal se oferece com muita facilidade aquilo (2ª e 3ª pessoas) que O Bem espera conquistar (1ª pessoa) com simplicidade. A comodidade é carregada (expição) de facilidades; o Mal sempre sente-se a vontade. O bem-estar é uma expiração (conciliação) de simplicidades; O Bem incomoda sempre daí surge a resolução da sua permissibilidade .

O Mal: Expição  $\Rightarrow$  espécie  $\Rightarrow$  invasão  $\Rightarrow$  facilidades.

O Bem: Expiração  $\Rightarrow$  essência  $\Rightarrow$  permissão  $\Rightarrow$  simplicidades.

E devido a Deus ser Todo-Poderoso e estar sempre *divino e maravilhoso*, adota-se que as facilidades são vistas como as mais importantes. Ser superior (ser/estar, 1ª pessoa) é receber uma porção (especialidade) de beleza desfrutada pelo Todo-Poderoso (2ª e 3ª pessoas) e que só ocorre na ausência (estar, 1ª pessoa) de Deus. Adota-se também que pecar é desejar ver-se tomado pela beleza (essencial que se permite dar, 1ª, 2ª e 3ª pessoas) que se dá a Deus através do bem praticado (essência). Também quem peca é capaz de pressentir Deus (ausência (estar, 2ª pessoa)) e o que se segue é em vão, não O (ser, 3ª pessoa) vê e lhe (ser/estar, 1ª e 2ª pessoas) cobre de gêneros.

O Bem não se dá em espécie alguma, apenas em essência.

O Bem: o uso nobre de todas as coisas.

Imagem (1ª pessoa)  $\approx$  essência.

Semelhança (2ª e 3ª pessoas) = essência.

Toda espécie recebida é resolvida a essência.

Imagem (1ª pessoa)  $\approx$  essência = Imagem imaculada (1ª pessoa).

Imagem imaculada (1ª pessoa)  $\approx$  essencial permitido (pecado original) = 1ª pessoa do espelho.

1ª pessoa do espelho  $\cong$  essencial permitido absolvido (pecados capitais) = Imagem assistida.

Ora Os Sete Pecados Capitais são assistidos: Acaso, cobertura.

Tudo que vale para mim vale para você. (cobertura, espécie, subjugação).

Tudo que vale para o outro vale para você. (cobertura, espécie, submissão).

Tudo que vale para mim vale para o outro. (acaso, gênero, conflituo so).

Daí, o Mal se coloca a vontade de duas formas: invasivo quando cobertura e possessivo quando acaso.

Mal em espécie (2ª e 3ª pessoas): Mal = mal= mau.

Mal em gênero: (...) ≈ mal (1ª e 3ª pessoas) ≈ ?.

O Mal em espécie não foge a promiscuidade e o Mal em essência se deixa permitir.

O Mal em espécie: Externo ⇒ expiação ⇒ espécie ⇒ cobertura ⇒ invasão ⇒ facilidades.

O Mal em gênero: Interno ⇒ expiração ⇒ essência ⇒ acaso ⇒ possessão ⇒ generalidades.

O Mal em gênero necessita da essência para extinguir as suas 1ª e 2ª pessoas (ser/estar). Com o ato de extinção o Mal em gênero pode ser resolvido a Mal em essência.

Os capitais:

Avareza (cobertura, invasão). Luxuria (cobertura, invasão).

Gula (acaso, possessão). Orgulho (acaso, possessão).

Inveja (cobertura, invasão). Preguiça (cobertura, invasão).

Raiva (acaso, possessão).

O que os capitais não corrompem, tornam elegante. Somente o Mal em essência é hábil a criar uma 1ª pessoa do espelho.

1ª pessoa do espelho (cobertura, possessão) ≈ ausência de sentir ≈ 3ª pessoa.

Mal em espécie : propósito: maldade, crueldade, vingança.

: meio: cobertura, invasão, promiscuidade, subjugação,  
submissão, degradação.

: fim: intensificar o medo e a dor.

Mal em essência : propósito: provação, (ser, 3ª pessoa) penitência pelas próprias mãos, retratação.  
: meio: acaso, possessão, invasão, permissibilidade, conflito, tentativa.  
: fim: arrebentar com a sanidade através do livre-arbítrio.

O medo e a dor são irresistíveis, gritar, eventualmente gritarão; chorar, eventualmente chorarão; insultar, eventualmente insultarão e segue-se a comodidade da morte. O ser que seja morreu; se íntegro, já estava morto, senão, morreu na merda. O mal é vencido pelas suas próprias facilidades e generalidades. A prática de maldades, de crueldades, de provações é sempre em louvor ao nome de quem as pratica e há muito não se tem um nome no Inferno. E o Céu e o Inferno (1ª pessoa do espelho) fazem valer essa ausência nas vizinhanças.

Sistemas mortos ⇒ Inconsciente onírico.

Chamam-me orador. Somos hereges iconoclastas. Sendo sutil como uma machadada no pescoço, a respeito de sexo, fazer amor, trepar, suruba, virgindade e afins, o que conta, o que valida, o que faz ficar na lembrança é a beleza. O primeiro beijo, a primeira vez com um garoto ou com uma garota, se não foi bonito não serve nem como uma estória triste. A não ser que esta estória triste fique agradável, provoque um sorriso na lembrança e para isso, com certeza, vive-se uma estória com final feliz. Da minha parte, tratando-se da primeira vez, mesmo se frustrante ou a contento (jamais inesquecível), deve-se permitir não levar em conta. É uma passada de mão e tanto na decência, pode-se brincar risivelmente a respeito. A beleza e o amor são escudos fortíssimos e quando aos extremos ou elevados ao quadrado são intransponíveis e quem se coloca atrás de tais escudos está a um passo do abismo. O tipo gabar-se de que tirou a virgindade de muitas garotas ou de que se deitou com muitas garotas, é de tamanha imbecilidade, elas com certeza estão se deitando com outros caras (Esse tipo de gabamento fere a auto-estima de ambos. A garota quer publicidade, entrega o nome do cara ao seu círculo social fechado e subsiste; o garoto quer propaganda, diz o nome da garota dando a entender que são várias, já era). Trata-se de estarem dentro da multiplicação (essa mesma bendita por Deus no momento da criação), acabam sempre cedendo ao chamado mesmo ajoelhados ao pé da Cruz. A multiplicação é contra a liberdade, é contra a beleza, é contra a sensibilidade,

é contra o que pode ser muito bonito, isto é, o que um ser humano pode sentir por outro ser humano e sua relação com o mundo afora. O que vai de encontro e contra o chamado da multiplicação é o amor. O amor desabona a multiplicação e é quando ele e ela fazem amor, um pelo outro cada qual é ciente de si mesmo, e quando voltam a si são esquecimento. Fazer amor é não ter estórias para contar. Ridículo, não? O orgasmo veio antes do pensar em sexo. E voltando ao tal deflorador, o sujeito acaba sempre se casando com uma que não é virgem e se se casa com uma virgem, com certeza, ela se deitará com outros caras e conhecidas; é o processo de não-seleção. Perder a virgindade é um ato consciente tão gratuito que se perde na naturalidade ou se acaba na banalidade. Perder a virgindade é entrar no processo de seleção, como foi muito bem delineado, o processo no qual se faz o que realmente se quer fazer com o que quer que seja, em grau, número e gênero. E isto se dá de forma comum ou degenerada (aqui também se encaixa o fazer de forma decente). A mulher perder a virgindade é físico, deixar de ser virgem é psicológico. Se uma noviça não perder a virgindade ela acabará pensando em besteira e mesmo pecando. Nesse caso perder a virgindade é unir o físico e o psicológico, e ela consegue tal união agitando uma mandioca, uma cenoura, um nabo, um salame para outra noviça e ambas achando graça. E acabarão se beijando na boca muito docemente e então aquela que se lançou ao beijo deixa o convento, se casa e ama o seu marido e os seus filhos. Sem remorsos, aquela que ficou no convento ama, com doçura no coração, a Deus, a Jesus e os anjos. E jamais pensarão uma na outra com saudades. A mulher usual perde a virgindade abrindo as pernas e deixa de ser virgem sendo mãe. Felizmente, existe aquela mulher que não se deixa estar aí facilmente, *sem necessidade, nem justificativa*; mesmo abrindo as pernas, ela não perde a virgindade e mesmo sendo mãe ela não deixa de ser virgem. E esses belos pilares não são menos do que divertidas elas, acabam em desabafos levantando as mãos para o alto e usando, propositalmente, o nome de Deus em vão e torcem os lábios dentro de um esboço de sorriso com o fim de mais um relacionamento amoroso ou apenas para manter o seu território. Uma mulher conhecer apenas um homem em toda sua vida e ser feliz é muito bonito, é raro e pode se contar nos dedos. Romeu e Julieta é uma bela estória de amor, se se chamasse apenas Julieta ainda seria uma bela estória de amor, se se chamasse apenas Romeu, tal estória não existiria. Julieta deixar de ser virgem psicologicamente é ela dizendo: Eu sou sua e você é meu. E ouvindo, há muito, antes de tudo: Eu sinto que a amarei para sempre. Julieta traz o estigma do assassinato nos olhos tão bonito quanto o de Caim e pior do que a seqüela do olhar de traição de Isolda. A paulada e a punhalada, um mesmo significado: Receba-me. Romeu

recebe Julieta, já encontra-se morto, Romeu tem de morrer sempre. Entretanto, dá-se o retorno, assim Romeu terá vez com Julieta sobrevivendo a um grave ferimento feito de próprio punho ou pelas artes de Julieta. Ela, Julieta, descobre amar apenas levando a morte o pretendente e mesmo a si inconscientemente. Estar em Julieta é complicado, é perigoso, psicologicamente complexo quando se sabe que a psique é andrógina. E tratando-se de receber; ninguém mais do que Maria, a virgem mãe de Jesus, ela apresenta cada um a si mesmo. E a voz como um instrumento lírico faz essa apresentação do Eu. Ninguém se mostra capaz de ocultar o próprio “Eu” da voz como instrumento lírico. E o “Eu” é apresentado, mostrado, exibido, desmascarado, etc. Como recebe-la? Como se comportar? Como conquista-la? Como fazer-se ser amado? Com horror, (acho graça) eu tenho recebido Maria, ela muito timidamente terna e doce. Partindo de Maria, eu, orador, quanto as mulheres, sempre levei em consideração faze-las sorrir como bebês ou faze-las chorar como velhas amargas.

### Sistemas mortos ⇔ Inconsciência lúdica.

...andava eu correndo meus dedos pelo muro alto, presos às minhas reflexões, as reflexões dos demais, então, sussurrou chamando-me por detrás das grades do portão, fez-me sinal, dirigi-me até lá. Recebeu-me sorridente e meio a aflição e a sanha, abraçou-me, sussurrou amiúde rapidamente algumas palavras, sorriu meio ao encantamento e admiração, chupou meu dedo, colocou seu dedo dentro da minha boca, chupou seus dedos, pressionou seus lábios contra os meus, provou dos próprios lábios umedecidos os meus lábios, cerrou as pálpebras, procurando chorar, gemia; procurando gritar, emudecia. Suspiros entrecortados por uma respiração forte. Por fim saiu correndo cobrindo o rosto com as mãos. E era... um candeeiro sob a luz de uma donzela.

...da estirpe que faz com que a mulher pense; sentindo-se intimidada dentro do seu próprio território; quando, subitamente no olho por olho é olhada: “Ou ele vai me comer ou ele vai me matar.” E comprimindo os cúmplices lábios num sorriso, sentindo-se íntima e segura, conclui: “Ou as duas coisas juntas. (sorridente) Graças a Deus, ele vai me comer primeiro.”

mim ⇒ Inconsciência lúdica ⇒ Inconsciência ⇒ Coma.

Os deuses devoram-se entre si. Deus chora? Ao final, sempre se descarta o demônio. Deus é um predador que se coloca de joelhos, sempre.

Quando em mim ⇒ Você já era.

Lobo não come lobo, mas sobrevive de lobos.

em mim quem? ⇒ 1ª pessoa ⇒ Você ⇒ Eu...

(?)

Que aquele que olha por ti seja te agraciado.

ANM Algoritmos.

Bem-vindos aos jogos !!!